

# Sentidos do partidarismo: construindo uma tipologia multidimensional de eleitores<sup>1</sup>

Renan Almeida (Ipol-UnB)

Carlos Machado (Ipol-UnB)

## Introdução

A identificação partidária é talvez um dos conceitos mais bem sucedidos no campo de estudos sobre comportamento político e um dos mais influentes na Ciência Política de forma geral. Desde sua criação, ele já foi alvo de intensa controvérsia entre os estudiosos da área e já foi utilizado para a realização de diagnósticos diversos a respeito da situação dos partidos e dos sistemas democráticos em diferentes países<sup>2</sup>. O principal desafio teórico imposto à abordagem psicossociológica que originou o conceito foi levado a cabo por autores ligados à perspectiva da escolha racional. Esses autores, que enfatizavam considerações “econômicas” por trás das decisões de apoio partidário dos cidadãos, entendiam a identificação partidária não como *exógena* e influenciada pela socialização durante a infância e adolescência, mas sim como produto da avaliação que os indivíduos faziam do desempenho dos partidos, podendo ser interpretada como um ingrediente extremamente maleável e *endógeno* do comportamento eleitoral (Holmberg, 2008, p. 562-3). Tais modelos, que podem ser chamados de econômicos ou racionais, foram amplamente inspirados pelos trabalhos de Anthony Downs e V. O. Key e, com a exceção de expressarem seus argumentos em termos mais abstratos, a maioria deles não se afastou muito da abordagem desses dois autores (Clarke e Stewart, 1998, p. 360).

Ao longo de décadas desse debate teórico, diferentes achados empíricos foram mobilizados para apoiar uma ou outra abordagem. Diante de resultados que mostravam que a identificação partidária poderia não ser tão estável quanto antes se supunha, autores buscaram realizar ajustes no modelo original de Campbell e seus colegas (Campbell et al, 1967 [1960]; Belknap e Campbell, 1951), enquanto outros se empenharam em transcender a dicotomia entre as duas abordagens dominantes, tentando explicar tanto a resposta a acontecimentos de curto-prazo quanto a considerável estabilidade observada nas preferências de alguns cidadãos por

---

<sup>1</sup> 44º Encontro Anual da ANPOCS. GT09 – Comportamento político, opinião pública e cultura política.

<sup>2</sup> Dentre esses diagnósticos, pode-se encontrar o de uma crise dos partidos ou da representação política, que seria resultado da redução nos níveis de identificação partidária em diversas democracias, fenômeno conhecido como “desalinhamento partidário”.

determinados partidos (Franklin e Jackson, 1983, p. 958). Conforme defendem Kroh e Selb (2009, p. 562-563), é possível que, para alguns indivíduos, o partidarismo de fato seja uma orientação simbólica, com um forte componente afetivo e maior resistência a mudança, enquanto para outros, ele seja uma atitude não simbólica, contendo um forte componente cognitivo e sendo mais sensível a novas informações. Foi justamente isso o que constataram Baker et al (2016, p. 203-211) ao estudarem o caso brasileiro. Observando os apoiadores do Partido dos Trabalhadores (PT), eles descobriram partidários de um tipo mais flexível, classificados como “petistas ocasionais”, que orbitavam um núcleo de partidários “identitários” realmente leais ao partido ao longo das subsequentes ondas da pesquisa. Com base nisso, os autores sugerem que a dicotomia longamente estabelecida na literatura entre partidarismo como avaliação (conforme defendido pelo modelo da escolha racional) e partidarismo como identidade (defendido pela abordagem psicossociológica) é falsa.

No período mais recente, uma literatura crescente tem chamado atenção ao fato de que os eleitores podem se relacionar com os partidos não apenas em uma dimensão “positiva”, de simpatia ou afeição, mas também de maneira “negativa”, manifestando rejeição ou antipatia. Na verdade, a possibilidade de falar em identificações negativas com partidos já estava presente desde a formulação original do conceito de identificação partidária (ver Campbell et al, 1967 [1960], p. 68, 72). No entanto, como muito se tem apontado, apesar de a formulação original do conceito permitir que se fale em identificação negativa, a pesquisa na área levou em conta quase que exclusivamente a vinculação positiva dos eleitores com os partidos (Medeiros e Noël, 2014; McGregor, Caruana e Stephenson, 2015; Samuels e Zucco, 2018). O chamado “lado esquecido” do partidarismo tem sido o foco de algumas das pesquisas mais recentes, e por mais diversas que sejam as abordagens a respeito deste tema, os autores parecem convergir quanto à ideia de o partidarismo ser um conceito multidimensional.

Contudo, apesar da compreensão de que o tópico do partidarismo precisa ser abordado de maneira mais complexa e multifacetada, ainda são relativamente poucos os estudos que têm, de fato, incorporado essa multidimensionalidade ao estudo empírico do fenômeno em questão. Esta pesquisa representa um esforço nesse sentido. Recorrendo a um método ainda pouco utilizado na Ciência Política, mas comumente utilizado nos estudos de demografia, buscamos construir uma tipologia multidimensional dos eleitores brasileiros no pleito de 2018, levando em conta não apenas o partidarismo negativo (isto é, a rejeição a partidos), esse aspecto importante e amplamente ignorado do comportamento político, mas também atitudes, ideologia e características socioeconômicas dos eleitores. Por meio dessa abordagem exploratória, buscamos contribuir para os estudos das relações entre cidadãos e partidos políticos e para a

compreensão da estrutura do partidarismo no Brasil. A seção seguinte, portanto, é destinada à explicação do método aqui utilizado, o *Grade of Membership* (GoM), enquanto nas seções subsequentes são relatados os resultados obtidos a partir de sua aplicação. Ao final, buscamos tecer algumas conclusões em diálogo com a literatura pertinente.

## O método Grade of Membership

O *Grade of Membership* (GoM) é um método de modelagem de dados que permite o agrupamento de indivíduos em perfis extremos (ou de referência), com base na lógica de conjuntos difusos (*fuzzy sets*). O GoM estima a probabilidade de uma categoria  $l$ , de uma variável  $j$ , pertencer ao perfil extremo  $k$ ,  $\lambda_{kjl}$ , simultaneamente ao grau de pertinência,  $g_{ik}$ , de um indivíduo  $i$  a um perfil extremo  $k$ . São identificados, entre os elementos do conjunto, dois ou mais perfis extremos, também chamados de perfis de referência. Os escores de grau de pertinência  $g_{ik}$ , também chamados de escores de GoM, mensuram o grau em que cada indivíduo manifesta propriedades associadas com os perfis formados. Quanto mais um indivíduo se aproxima de um dos perfis de referência, maior será o seu escore em relação a ele, e menor em relação aos demais. Um indivíduo que possui todas as características de um dos perfis extremos terá um grau de pertinência a ele de 100% e, conseqüentemente, de 0% aos demais. O elemento que possui pertinência total a um perfil é chamado de “tipo puro” desse perfil. À medida que os indivíduos vão se afastando de um perfil extremo, vão perdendo algumas das características associadas a ele e assimilando as de outro. É possível que alguns indivíduos estejam equidistantes a todos os perfis extremos, não possuindo, portanto, características que os aproximem de nenhum deles. As probabilidades de uma  $l$ -ésima resposta a uma  $j$ -ésima variável pertencerem ao  $k$ -ésimo perfil, dadas por  $\lambda_{kjl}$ , são estimadas para os tipos puros de cada perfil, ou seja, o modelo pressupõe a existência de pelo menos um indivíduo que é um membro bem definido do  $k$ -ésimo perfil (Sawyer, Leite e Alexandrino, 2002; Guedes et al, 2016).

Dessa maneira, como o valor  $g_{ik}$  representa a proporção ou intensidade de pertinência a cada perfil extremo, ele varia de 0 a 1 para cada indivíduo e cada perfil (a somatória de todos os  $g_{ik}$  estimados para um indivíduo é, portanto, igual a 1). Do mesmo modo, as probabilidades de escolha de cada categoria de resposta de cada variável por um dado perfil (o parâmetro  $\lambda_{kjl}$ ) variam entre 0 e 1 (com a somatória de todas essas probabilidades para cada perfil e variável sendo igual a 1). O modelo matemático que descreve a estimação desses parâmetros foi escrito originalmente por Woodbury e Clive (1974), e depois por Manton, Woodbury e Tolley (1994). Por questões de espaço, as fórmulas não serão apresentadas aqui.

Os perfis extremos gerados correspondem a conjuntos fechados, já os graus de pertinência dos elementos constituem um conjunto difuso (Guedes et al, 2016, p. 20). Uma vez que os perfis de referência são construídos a partir da contribuição de cada categoria de resposta a cada variável, quanto maior for o número de variáveis utilizadas no modelo, mais bem definidos ficam os perfis gerados. Além disso, o GoM é apropriado para bases de dados com pequeno número de observações. Assim, dentro dos limites plausíveis, é possível obter bons resultados com uma amostra relativamente pequena, desde que o número de variáveis incluídas seja significativo (Sawyer, Leite e Alexandrino, 2002, p. 759).

Uma das vantagens de utilizar o método para o estudo das atitudes dos eleitores consiste no fato de que o padrão de agrupamento destes não é definido *a priori*, mas sim por meio de processos iterativos entre as variáveis, isto é, emerge a partir da convergência dos dados, cabendo ao pesquisador interpretar seu significado posteriormente. De acordo com Pinto e Caetano (2013, p. 165), o GoM é vantajoso em relação aos demais métodos de agrupamento, redução e mineração de dados pelo fato de que ele não apenas permite a inclusão analítica da heterogeneidade entre os indivíduos, mas também oferece uma medida que parametriza essa heterogeneidade. Por fim, a ferramenta ainda possui uma propriedade extremamente útil, que consiste na possibilidade de manter os valores de não resposta nas variáveis, evitando que observações sejam perdidas no caso de haver valores válidos para o mesmo elemento em outras variáveis relevantes (Guedes et al, 2016, p. 25). Torna-se possível, então, explorar padrões de não resposta entre os indivíduos que compõem a amostra. Desse modo, por ser recomendado para a aplicação a problemas de pesquisa que pressupõem que dado fenômeno seja experimentado pelos indivíduos de forma complexa, ao longo de diversas dimensões (Pinto e Caetano, 2013, p. 168), o GoM se mostra uma alternativa útil para a pesquisa aqui empreendida.

Para estimação dos parâmetros do modelo, foram utilizados os dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) realizado em 2018, cujas variáveis foram recodificadas de modo sequencial para que não houvesse “saltos” entre as categorias de resposta (p. ex., 1, 2, 3, 9, foi recodificado para 1, 2, 3, 4). Variáveis com valores iniciando em 0 foram recodificadas para começarem com o valor 1. No total, foram utilizadas 173 questões do ESEB 2018 e sua amostra total de 2.506 eleitores.

Ao rodar o arquivo R-script que realiza os cálculos necessários no ambiente ativo do R<sup>3</sup>, foram definidos apenas os parâmetros obrigatórios da função GoMRcpp e o número inicial

---

<sup>3</sup> Os cálculos das probabilidades  $\lambda_{kjl}$  e dos escores de grau de pertencimento  $g_{ik}$  foram feitos por meio do “GoMRcpp.R”, um arquivo R-script, desenvolvido por Julimar Pinto e André Caetano, pesquisadores da PUC-MG. O GoMRcpp.R utiliza as mesmas funções matemáticas originalmente descritas por Woodbury e Clive (1974).

de perfis a ser modelado. Foram gerados modelos com dois, três e quatro perfis extremos. O Critério de Informação de Akaike (AIC) fornece uma medida estatística para a escolha da quantidade de perfis. A regra de decisão corresponde ao modelo com valor mínimo da estatística AIC, que indica o modelo com melhor adequação e menor viés (Assis, Machado e Rodrigues, 2008, p. 680)<sup>4</sup>. O modelo com o menor valor de AIC foi o com três perfis extremos ( $AIC_3 = 1.242.330,388$ , contra  $AIC_2 = 1.268.161,623$  e  $AIC_4 = 1.263.618,368$ ), que foi o escolhido para análise.

### **Construindo uma tipologia multidimensional de eleitores**

Para a caracterização e descrição dos perfis extremos foi utilizada a razão entre a frequência marginal estimada e a frequência marginal observada, chamada de Razão E/O. Sawyer, Leite e Alexandrino (2002) sugerem um valor de corte de 20%, ou seja, considera-se que uma categoria de resposta  $l$ , de uma variável  $j$ , é característica ou marcadora de um perfil extremo  $k$  sempre que a Razão E/O for igual ou maior que 1,2. Isso significa que, para o tipo puro do  $k$ -ésimo perfil extremo, a probabilidade de escolher uma  $l$ -ésima categoria, em uma  $j$ -ésima variável, é 20% maior em relação ao total da população. Apesar de, como indicado anteriormente, o modelo ter sido gerado a partir de 173 variáveis, por questões de espaço, apenas uma pequena parcela delas é apresentada aqui. Um panorama mais completo por ser conferido em Almeida (2020). A tabela que consta no *Anexo* serve de referência para a caracterização dos perfis.

#### *Perfil Extremo 1 – Radicais céticos politicamente sofisticados*

Como pode ser observado a partir do exame da tabela presente no *Anexo*, os tipos puros do Perfil Extremo 1 tendem a escolher as categorias de resposta polares, assumindo posições mais radicais no que se refere a diferentes assuntos. Quando indagados sobre sua satisfação com o funcionamento da democracia no Brasil, por exemplo, os tipos puros deste perfil tendem a responder que estão ou muito satisfeitos ou muito insatisfeitos (mas a insatisfação marca o perfil de forma mais forte, o que é evidenciado pelo maior valor da Razão E/O para esta última categoria). O mesmo padrão se repete em várias outras questões, inclusive naquelas que estimulam os entrevistados a manifestarem concordância ou discordância em relação a diferentes afirmações (as respostas mais comuns tendem a se concentrar nas categorias

---

<sup>4</sup> A estatística AIC pode ser obtida pela fórmula:  $AIC = 2p - 2\ln L$ , onde  $L$  é o valor da verossimilhança e  $p$  é o número de parâmetros estimados pelo modelo (Guedes et al, 2016).

“concordo muito” ou “discordo muito”). Quando precisam se classificar dentro do espectro ideológico, os tipos puros do Perfil Extremo 1 tendem a se posicionar de maneira mais clara e contundente como de esquerda ou de direita (raramente como de centro), escolhendo, novamente, as categorias polares de resposta, conforme também pode ser visto na tabela do *Anexo*.

Além disso, o Perfil Extremo 1 tende a desconfiar fortemente de todas as instituições. No que se refere aos partidos e às principais lideranças políticas do país, tende a apresentar tanto sentimentos muito positivos (“gosto muito”) quanto muito negativos (“não gosto de jeito nenhum”), mas esta última categoria sempre marca o perfil de maneira mais intensa<sup>5</sup>. Os tipos puros deste perfil não são discriminados por sua disposição em expressar partidarismo. Quando muito, eles reportam apenas leve inclinação em relação a algum partido. Tendem, porém, a apontar que não gostam de alguma legenda. Trata-se de um perfil, portanto, mais disposto a desgostar do que a gostar de algum partido ou de partidos em geral, o que é reforçado pela sua crença de que a democracia pode funcionar sem partidos políticos ou Congresso Nacional.

Quanto à decisão de voto, o Perfil Extremo 1 não é discriminado pela disposição de votar se o voto não fosse obrigatório. De modo geral, o tipo puro deste perfil tendeu a não votar e nem justificar o voto no primeiro turno das eleições presidenciais de 2018.

Em relação a aspectos demográficos, pode-se afirmar que o Perfil Extremo 1 é composto predominantemente por homens, com idade entre 35 e 44 anos, geralmente concentrados na região Sudeste, com tendência a se autodeclararem racialmente como brancos, amarelos ou índios e a possuírem renda média (entre dois e dez salários mínimos) ou elevada (entre dez e quinze ou acima de vinte salários mínimos). Por conta de sua elevada escolaridade (tendem a possuir ensino universitário incompleto ou completo) e seu elevado interesse por política (eles também tendem a se considerar muito entendidos sobre os principais problemas políticos do país e a acompanharem política com muita intensidade), acreditamos que os tipos puros deste perfil são indivíduos com alta sofisticação cognitiva. Por conta disso e das outras características aludidas acima, nomeamos este perfil como “*Radicais céticos politicamente sofisticados*”.

### *Perfil Extremo 2 – Apáticos socialmente desfavorecidos*

Em contraste com o primeiro perfil, os tipos puros do Perfil Extremo 2 são caracterizados por não possuírem nenhum interesse e não se sentirem informados sobre política,

---

<sup>5</sup> Quando se trata de políticos do PT (Lula, Fernando Haddad e Dilma Rousseff) e do PSDB (Geraldo Alckmin e Aécio Neves), os tipos puros do Perfil 1 tendem a nutrir apenas sentimentos fortemente negativos.

além de pertencerem às camadas sociais mais desprivilegiadas: tendem a ser mulheres, ou muito jovens (com 16 ou 17 anos de idade), ou bem mais velhas (com idades entre 55 e 64 anos ou acima disso), concentradas na região Nordeste, com baixa escolaridade (são analfabetas, possuem primário completo ou incompleto, ginásio e colegial incompletos), tendência a se autodeclararem como pretas ou a não saber ou não responder sobre a própria cor ou raça, além de possuírem baixíssima renda (até um salário mínimo) e serem beneficiárias do Programa Bolsa Família ou parentes de alguém que foi beneficiário do programa nos últimos três anos.

A principal característica dos tipos puros do Perfil Extremo 2 é a tendência a escolher as categorias de não resposta (“não sabe” ou “não respondeu”) em praticamente todas as variáveis. Esse padrão é extremamente consistente. Quando perguntados sobre sua localização no espectro ideológico, por exemplo, os tipos puros deste perfil geralmente não sabem o que é esquerda e direita, não sabem se posicionar na escala ou simplesmente não respondem à questão, como fica claro pelos valores das Razões E/O na tabela do *Anexo*. Quando não são esses os casos, esses eleitores tendem a se posicionar à direita. Quando indagados sobre lideranças políticas específicas, eles novamente tendem a não conhecer, não responder ou não saber avaliar. Quando sabem avaliar, tendem a apresentar majoritariamente sentimentos positivos.

A tendência à não resposta também se manifesta nas questões sobre partidarismo, mas os tipos puros deste perfil também tendem a responder “não” na questão sobre se há algum partido que eles não gostam. Quando se sentem representados por algum partido, geralmente apontam este partido como sendo o PT (cf. Almeida, 2020). Quando instados a avaliar os partidos separadamente, ou dizem não conhecer o partido, ou não respondem ou não sabem avaliar. Ademais, tendem a estar muito insatisfeitos com o funcionamento da democracia no Brasil (ou tendem às categorias de não resposta) e pensam que tanto faz uma ditadura ou uma democracia (ou, novamente, tendem às categorias de não resposta). Demonstram muita confiança apenas na igreja (católica ou evangélica), no governo federal, nos partidos políticos, no Congresso Nacional, na Rede Globo e em outras emissoras de televisão e desconfiam fortemente da justiça/Poder Judiciário e dos militares/forças armadas (cf. *ibid.*). Os tipos puros do Perfil Extremo 2 não teriam ido votar se o voto não fosse obrigatório. No primeiro e no segundo turno das eleições presidenciais de 2018, tenderam a não votar e nem justificar o voto.

Em função dessas características, os tipos puros do Perfil Extremo 2 foram denominados de “*Apáticos socialmente desfavorecidos*”.

*Perfil Extremo 3 – Moderados politicamente engajados*

Para os tipos puros do Perfil Extremo 3, as categorias de resposta intermediárias, quando estão disponíveis, são os marcadores mais importantes. Isso fica claro, por exemplo, quando são observadas suas avaliações de lideranças políticas específicas: eles expressam tanto sentimentos positivos quanto negativos, mas quase nunca nas categorias polares (“não gosto de jeito nenhum” ou “gosto muito”), distribuindo-se, ao invés disso, nas categorias intermediárias. O mesmo se dá quando são observadas suas avaliações dos principais partidos brasileiros<sup>6</sup>. Esse padrão se repete nas questões que indagam sobre a concordância com diferentes afirmações, isto é, os tipos puros do Perfil Extremo 3 manifestam apenas concordância ou discordância parcial, pois se concentram nas categorias de resposta intermediárias.

Pode-se dizer, ainda, que o Perfil Extremo 3 é ideologicamente diverso, com posições de esquerda, centro e direita, mas novamente nas categorias intermediárias, raramente nas polares. Essa diversidade explica em parte as opiniões conflitantes. No que se refere ao partidarismo, o Perfil Extremo 3 é claramente o mais partidário dos três. Seus tipos puros tendem a responder “sim” a todas as questões sobre partidarismo<sup>7</sup>, mas não são discriminados pela sua disposição em desgostar de algum partido. Este perfil é também o mais engajado politicamente. Seus tipos puros tendem a responder “sim” a todas as questões sobre engajamento político. Eles tendem a ser filiados a sindicatos, a partidos políticos e a se engajar em diferentes grupos e organizações, de associações de moradores a reuniões do orçamento participativo. Trata-se do único perfil que teria ido votar ou talvez teria ido votar se o voto não fosse obrigatório no Brasil.

Quanto ao aspecto demográfico, o Perfil Extremo 3 é composto por uma maioria de homens, com idade entre 25 e 34 anos, concentrados na região Sul, com escolaridade elevada (possuem de colegial completo até pós-graduação) e sem distinção por cor ou raça. O tipo puro deste perfil possui renda média (entre dois e dez salários mínimos) ou elevada (entre dez e quinze salários mínimos) e interesse razoável em política (variando de pouco a muito, com a categoria “interessado” sendo a mais marcante), que acompanha política com elevada intensidade (“muita” e “alguma intensidade”, sendo esta última a categoria mais marcante) e considera-se muito entendido sobre os problemas políticos mais importantes do país.

Por conta da sua característica marcante de escolha de categorias intermediárias de resposta em quase todas as questões (evidenciando opiniões mais moderadas) e de seu elevado

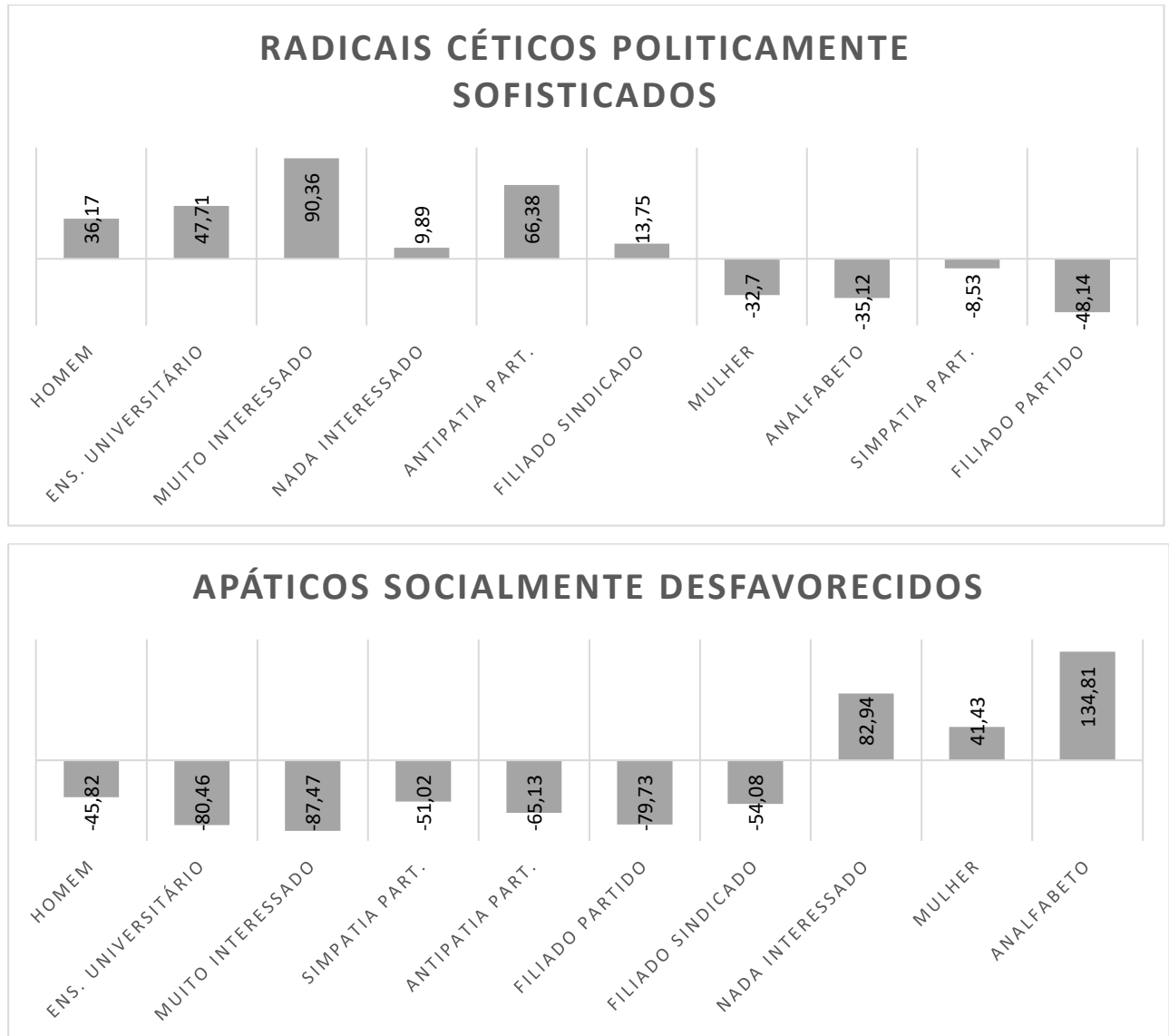
---

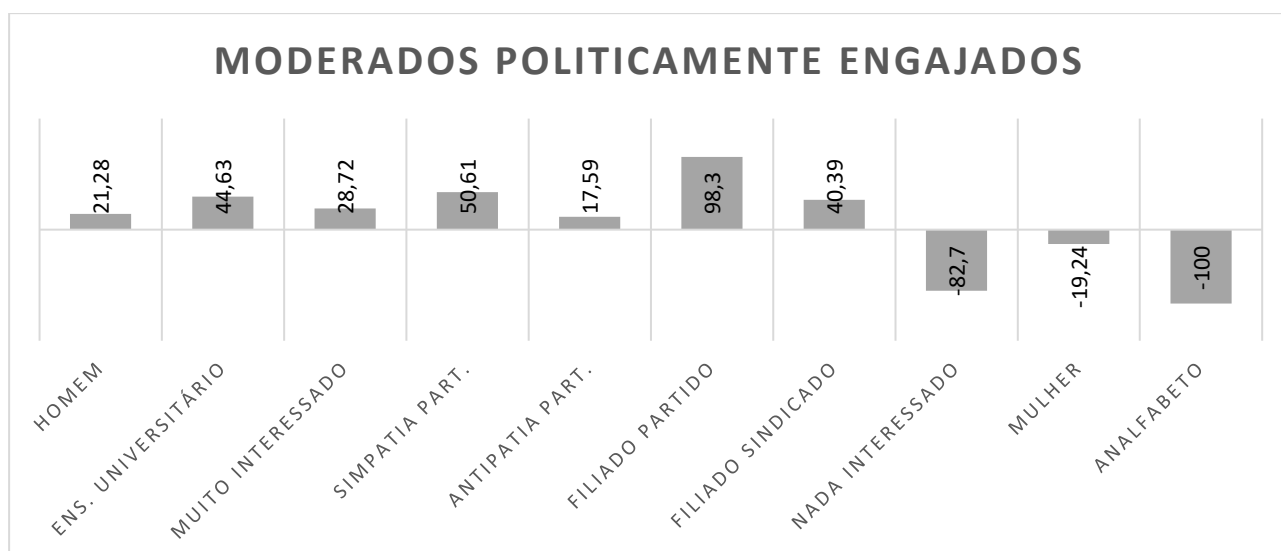
<sup>6</sup> O Perfil Extremo 3 também concentra eleitores que demonstram alguma ou pouca confiança em relação a todas as instituições. Eles avaliam a atuação da maioria das instituições como “boa”, “regular” ou, às vezes, “ruim”, mas raramente como “ótima” ou “péssima” (cf. Almeida, 2020, Tabela Z).

<sup>7</sup> Além disso, em contraste com os tipos puros do Perfil Extremo 1, eles pensam que sem partidos políticos ou Congresso Nacional não é possível haver democracia.

grau de engajamento político, os tipos puros deste perfil foram denominados de “*Moderados politicamente engajados*”. O Gráfico 1 a seguir sumariza algumas das principais características dos três perfis acima descritos.

Gráfico 1. Sumarização das características dos perfis com base nas Razões E/O





Fonte: ESEB 2018.

### *Distribuição dos perfis na população e caracterização dos perfis mistos*

Conforme já explicado, o que o modelo GoM estima são as probabilidades de resposta para os tipos puros de cada perfil, ou seja, para aqueles indivíduos com escore de grau de pertencimento igual a 1 para determinado perfil e zero para os demais. No entanto, os tipos puros de cada perfil, somados, perfazem apenas cerca de 9% da amostra. Uma medida crua da prevalência de cada perfil na população em estudo consiste nas médias do escore de pertinência para cada perfil. Os valores dessas médias são 0,229 (ou 22,9% de prevalência) para o Perfil Extremo 1, 0,362 (ou 36,2% de prevalência) para o Perfil Extremo 2 e 0,407 (ou 40,7% de prevalência) para o Perfil Extremo 3. Pode-se concluir, então, que o Perfil 3 (dos Moderados politicamente engajados) possui maior prevalência na amostra. Essa medida, contudo, pouco diz sobre como cada indivíduo manifesta as propriedades de cada um dos perfis. Por isso, é necessário classificá-los com base na noção de preponderância, utilizando os escores  $g_{ik}$  para eles estimados. O critério aplicado para a classificação dos indivíduos foi aquele sugerido por Melo (2007), descrito a seguir:

- 1) O indivíduo  $i$  é considerado como pertencente ao perfil com predominância das características de  $m$  quando tiver os seguintes graus de pertencimento  $g$  aos perfis extremos  $m$ ,  $n$  e  $o$ , com  $m \neq n \neq o$ :

- a) Preponderância muito alta de  $m$ :

$$g_{im} \geq 0,75 \quad \text{ou}$$

- b) Preponderância alta de  $m$ :

$$0,50 < g_{im} < 0,75 \cap (g_{in} \leq 0,25 \cap g_{io} \leq 0,25)$$

2) O indivíduo  $i$  é considerado como pertencente ao perfil misto de  $m$  com  $n$  (em que predominam as características de  $m$ ) quando seus graus de pertencimento aos perfis  $m$  e  $n$  são:

a)  $0,50 < g_{im} \leq 0,75 \cap (0,25 \leq g_{in} < 0,50)$

3) O indivíduo  $i$  do tipo misto sem predomínio (tipo amorfo) é aquele com os seguintes graus de pertencimento  $g$ :

a) Sem predominância total:

$$g_{im} < 0,50 \cap g_{in} < 0,50 \cap g_{io} < 0,50 \quad \text{ou}$$

b) Sem predominância pareada:

$$0,50 < g_{im} = 0,50 \cap g_{in} = 0,50$$

A partir desse critério, é possível compreender como as características dos perfis extremos se distribuem na amostra. Essa distribuição está presente na *Tabela 1*. Os indivíduos classificados nos grupos de predominância de um dos perfis (P1, P2 e P3 da tabela abaixo) são aqueles com maiores chances de apresentar as características associadas aos tipos puros de cada perfil. Os indivíduos classificados nos grupos mistos entre dois perfis, com preponderância de um sobre o outro (MP12, MP13, MP21, MP23, MP31 e MP32), são aqueles que apresentam as características de dois perfis extremos, mas algumas características de um dos perfis se sobressaem em relação a algumas do outro. Por fim, os indivíduos classificados no grupo misto sem predomínio (MSP) representam o tipo amorfo, que estão distantes de todos os três perfis extremos gerados.

Observando a *Tabela 1*, vê-se que os eleitores com características predominantes do Perfil Extremo 3 (Moderados politicamente engajados) são realmente aqueles com maior prevalência na população. Os cidadãos com características predominantes do Perfil Extremo 2 (Apáticos socialmente desfavorecidos) também compreendem um contingente expressivo do eleitorado, enquanto aqueles com características predominantes do Perfil Extremo 1 (Radicais céticos politicamente sofisticados), embora minoritários, somam uma minoria nada desprezível.

Ao observar mais de perto as características dos subtipos gerados a partir da mistura entre diferentes perfis, constata-se que todos aqueles que são resultado da convergência com o Perfil Extremo 2 (dos Apáticos socialmente desfavorecidos) – seja este predominante ou não – são constituídos por uma maioria de mulheres, conforme mostra o *Gráfico 2*. Os subtipos formados pela convergência entre os perfis 1 (Radical cético politicamente sofisticado) e 3

(Moderados politicamente engajados), por outro lado, são compostos, em ambos os casos (MP13 e MP31), por quase 70% de homens cada um. Isso indica que o sexo é realmente um diferenciador poderoso dos três perfis de referência gerados. Também indica que, de forma geral, variando de acordo com a posição social, as mulheres tendem mais à apatia política do que os homens. Essa apatia, é claro, não é natural, mas sim reflexo da divisão sexual do trabalho e das assimetrias de poder que dela são derivadas.

*Tabela 1.* Distribuição absoluta e relativa dos perfis extremos e tipos mistos gerados

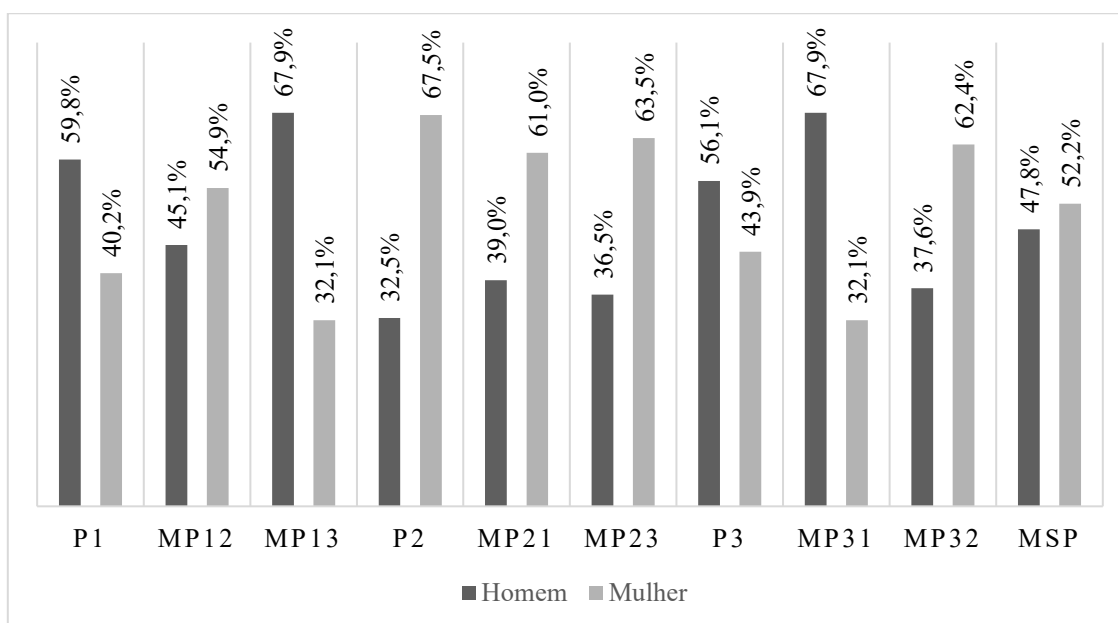
<b>Perfil extremo</b>	<b>Perfis com predominância<sup>1</sup></b>	<b>Frequência absoluta</b>	<b>Frequência Relativa</b>
Radicais céticos politicamente sofisticados	P1	241	9,62 %
	MP12	82	3,27 %
	MP13	140	5,59 %
	Subtotal	463	18,48 %
Apáticos socialmente desfavorecidos	P2	492	19,63 %
	MP21	82	3,27 %
	MP23	255	10,18 %
	Subtotal	829	33,08 %
Moderados politicamente engajados	P3	553	22,07 %
	MP31	156	6,23 %
	MP32	279	11,13 %
	Subtotal	988	39,43 %
	MSP	226	9,02 %
	TOTAL	2506	100%

<sup>1</sup> PX: Predominância de X; MPXY: Misto com predominância de X sobre Y; MP: Misto sem predominância. Fonte: ESEB 2018.

A renda reproduz um padrão semelhante àquele encontrado em relação ao sexo: os subtipos frutos da convergência entre qualquer perfil e o Perfil Extremo 2 são aqueles que concentram os indivíduos com menores rendimentos. Nos subtipos mistos com predominância do Perfil 2 (MP21 e MP23), quase metade das pessoas possui renda de até dois salários mínimos (48,8% e 46,7%, respectivamente). Nos grupos mistos em que o Perfil Extremo 2 não possui predominância (MP12 e MP32), o contingente de eleitores com renda de até dois salários mínimos também é expressivo (39,1% e 45,2%, respectivamente). Os subtipos frutos da convergência entre os perfis 1 e 3 (MP13 e MP31), por sua vez, reúnem percentuais muito menores de eleitores nessa faixa de renda (25,8% e 27,6%, respectivamente). Nestes dois subtipos os estratos de renda média (mais de 2 até 10 salários mínimos) são maioria (únicos casos em que isso acontece).

Com relação ao interesse por política manifestado pelos cidadãos, percebe-se que o desinteresse pela política é expressivo em todos os subtipos gerados, mas naqueles que misturam as características dos perfis 1 e 3 (MP13 e MP31), mais da metade dos eleitores relatou possuir algum ou muito interesse em política (68,8% e 55,7%, respectivamente). Em contrapartida, nenhum dos subtipos frutos da convergência de qualquer perfil com o Perfil Extremo 2 (MP21, MP23, MP13 e MP32) reuniu mais do que 22% de pessoas com algum ou muito interesse em política (18,3%, 17,10%, 17,2% e 21,2%, respectivamente). Estes subtipos também concentraram os eleitores que em geral não se sentem bem entendidos sobre os problemas políticos mais importantes do país, enquanto que o contrário se dá com os subtipos MP13 e MP31, cuja maioria esmagadora (70,7% e 73,8%, respectivamente) concorda total ou parcialmente com a afirmação de que entende sobre esses problemas.

Gráfico 2. Composição dos perfis “puros” e mistos segundo sexo



PX: Predominância de X; MPXY: Predominância de X sobre Y; MSP: Misto sem predominância.  
Fonte: ESEB 2018.

Fica evidente, portanto, que os subtipos consequentes das misturas de características entre os perfis 1 (Radicais céticos politicamente sofisticados) e 3 (Moderados politicamente engajados), isto é, MP13 e MP31, são os mais politicamente ativos e socialmente privilegiados. Eles apresentam os maiores percentuais de eleitores filiados a partidos (10% e 10,9%, respectivamente) e são os únicos que apresentam uma maioria de pessoas dispostas a votar mesmo em caso de não obrigatoriedade do voto. Os subtipos com mistura entre qualquer perfil e o Perfil Extremo 2 (Apáticos socialmente desfavorecidos) são sempre os que apresentam um

maior percentual de eleitores que não votariam caso o voto não fosse obrigatório, evidenciando que a apatia ou o abstencionismo político é uma característica marcante do Perfil Extremo 2<sup>8</sup>. Por seu turno, os subtipos consequentes da mistura entre o Perfil Extremo 3 e qualquer outro perfil são, relativamente aos demais, quase sempre mais propensos a se engajar em organizações, o que evidencia que o engajamento político é realmente uma característica importante do Perfil Extremo 3.

### **Confrontando os perfis multidimensionais de eleitores às tipologias tradicionais da Ciência Política**

A tipologia aqui gerada a partir do método GoM pode ser comparada a algumas outras presentes na literatura sobre comportamento político, como aquela apresentada por Almond e Verba no clássico *The Civic Culture* (1965 [1963]), que classifica os eleitores de acordo com seu envolvimento cognitivo e emocional com os partidos e com o processo eleitoral. Os “partidários abertos” desses autores guardam alguma semelhança com o perfil dos *Moderados politicamente engajados* apresentados neste trabalho, no que tange ao fato de ambos reunirem pessoas emocional e cognitivamente envolvidas com o processo político eleitoral, mas que possuem atitudes de abertura e moderação. Esse perfil também poderia estar associado ao tipo dos “partidários intensos”, no sentido que sua forte identificação com um dos grandes partidos seria um componente importante de seu envolvimento intenso com o processo político. Já o perfil dos *Apáticos socialmente desfavorecidos* poderia, em alguns aspectos, ser considerado análogo aos “partidários apáticos” ou aos “partidários paroquiais”, por não manifestarem envolvimento racional ou emocional com a competição eleitoral, podendo até se abster de votar (Ribeiro, Carreirão e Borda, 2016, p. 608). O perfil dos *Radicais céticos politicamente sofisticados*, por sua vez, não encontraria equivalentes no modelo de Almond e Verba, pois, ao contrário dos partidários intensos encontrados na tipologia dos autores, eles não definiriam sua hostilidade a determinados partidos em função de uma identificação partidária prévia.

De modo similar, o perfil dos Moderados politicamente engajados poderia refletir, em algumas dimensões, os “eleitores antagonistas” ou os “equilibrados” da tipologia de Klingemann e Wattenberg (*apud* Ribeiro, Carreirão e Borba, 2016), que classifica o eleitorado conforme sua disposição a “gostar” ou “não gostar” de certos partidos. No caso dos eleitores antagonistas, sua semelhança com o Perfil Extremo 3 do nosso modelo se daria pelo fato de

---

<sup>8</sup> Esses subtipos também são os mais propensos à não resposta, sendo aqueles com predominância do Perfil Extremo 2 (MP21 e MP23) ainda mais propensos à não resposta, o que reforça as conclusões feitas acima.

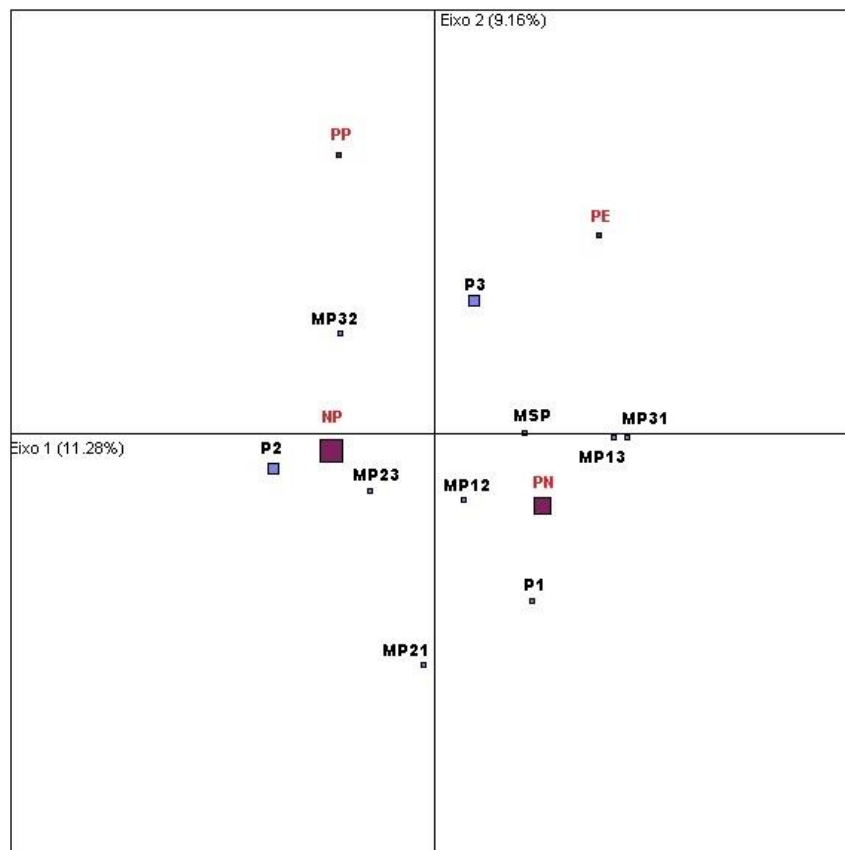
ambos os tipos serem mais propensos a indicar um partido que gostam. No caso dos equilibrados, por fazerem isso de forma mais ponderada, sem deixar de reconhecer qualidades e defeitos nos maiores partidos do sistema (*ibid.*, p. 608). Os Apáticos socialmente desfavorecidos, naturalmente, estariam próximos dos “eleitores apáticos” postulados pelos autores, e os Radicais politicamente sofisticados, mais uma vez, não encontrariam correspondência no modelo, pelo mesmo motivo citado anteriormente.

A tipologia proposta Samuels e Zucco (2018) ecoa categorizações anteriores, como a de Rose e Mishler (1998), e leva em conta duas dimensões básicas: a existência ou não de sentimentos positivos em relação a algum partido e a existência ou não de sentimentos partidários negativos. Dessa maneira, os eleitores são divididos em “partidários extremos” (aqueles que possuem sentimentos positivos em relação a algum partido e negativos em relação a outro), “partidários positivos” (os que possuem apenas sentimentos positivos em relação a algum partido), “não partidários ou independentes” (os que não possuem sentimentos positivos e nem negativos em relação a nenhum partido) e os “partidários negativos ou antipartidários” (os que possuem apenas sentimentos partidários negativos). Não é difícil imaginar como essa tipologia pode se relacionar com os perfis de eleitores aqui delineados. Com efeito, os Moderados politicamente engajados poderiam, em alguns aspectos, ser análogos dos “partidários extremos” ou dos “positivos”. Os Radicais céticos politicamente sofisticados, por seu turno, poderiam ser comparados aos “partidários negativos”, enquanto os Apáticos socialmente desfavorecidos estariam relacionados aos “não partidários”. Por meio da classificação dos eleitores conforme os critérios de Samuels e Zucco (2018) e de uma análise de correspondências múltiplas, é possível observar os padrões de aproximação entre as categorias de ambas as tipologias. É o que pode ser observado na *Figura 1*.

Os quadrados presentes na figura são proporcionais às frequências de cada categoria na amostra. Percebe-se que o subtipo de eleitores com predominância das características do Perfil Extremo 3 (P3) está próximo tanto do grupo dos partidários extremos quanto dos partidários positivos, mas tende ao primeiro. Os eleitores com características mistas entre os Perfis Extremos 2 e 3 e predominância deste (MP32) mostram-se mais próximos aos partidários positivos e aos não partidários. O grupo de eleitores com predominância das características do Perfil Extremo 1 (P1), assim como os grupos com características mistas com predominância deste (MP12 e MP13), estão mais próximos dos partidários negativos. Curiosamente, o subtipo fruto da convergência entre os Perfis Extremos 1 e 3 com preponderância deste (MP31) mostra-se muito similar ao subtipo MP13, também estando mais próximo ao grupo dos partidários negativos. O grupo de eleitores com características predominantes do Perfil Extremo 2 (P2),

assim como aqueles com características mistas com preponderância deste (MP21 e MP23) estão mais próximos dos não partidários. Os perfis P2 e MP23, aliás, estão muito mais próximos dos não partidários do que o perfil misto MP21, que quase passa ao quadrante em que se situa o partidariado negativo.

*Figura 1.* Mapa de análise das correspondências múltiplas – Perfis dos eleitores e Tipologia de Samuels e Zuco (2018)



PX: Predominância de X; MPXY: Misto com predominância de X sobre Y; MSP: Misto sem predominância; PE: Partidário extremo; PP: Partidário positivo; PN: Partidário negativo; NP: Não partidário.  
 Fonte: ESEB 2018.

A partir dessa análise, pode-se estabelecer que os indivíduos com características predominantes do Perfil Extremo 3 (P3) e com características mistas dos perfis 2 e 3 e predominância deste (MP32) são, comparativamente, mais propensos a serem partidários extremos e positivos, respectivamente. Aqueles com predominância de características do Perfil Extremo 1 (P1), em contrapartida, assim como os classificados como parte dos subtipos MP12 e MP13, são mais propensos a serem partidários negativos. Os indivíduos do subtipo MP31 se assemelham aos destes dois últimos em sua propensão a manifestar partidariado negativo. Por

fim, os eleitores com características predominantes do Perfil Extremo 2 (P2), bem como aqueles classificados em MP21 e MP23, tendem a ser comparativamente mais não partidários.

Assim, podemos intuir que tanto a manutenção de atitudes positivas quanto a de atitudes negativas em relação aos partidos estão associadas a maiores níveis de sofisticação cognitiva, dadas as características dos Perfis 1 e 3. Além disso, longe de representarem o ideal do eleitor independente, que decide sem ser influenciado por paixões partidárias, os não partidários geralmente são aqueles que se sentem menos entendidos de e que manifestam menor interesse por política, algo que já havia sido observado por Campbell et al (1967 [1960]) e corroborado por estudos posteriores (p. ex., Borba et al, 2018; Lupu, 2015; Pereira, 2014). Mais importante ainda, os não partidários são desproporcionalmente provenientes dos grupos sociais desprivilegiados, e sua relutância em reconhecer vínculos partidários tem relação com uma tendência mais ampla a se sentirem incapazes perante a política. A formação de orientações positivas em relação aos partidos, pelo menos no Brasil e pelo menos no período mais recente, parece estar ligada a posturas políticas mais moderadas, enquanto a disposição a manter atitudes negativas parece se relacionar com um posicionamento ideológico mais contundente.

## **Conclusões**

A tipologia aqui apresentada foi estabelecida a partir da delimitação de três perfis extremos no eleitorado brasileiro. O primeiro deles, o qual chamamos de *Radicais céticos politicamente sofisticados*, foi caracterizado por manter atitudes negativas em relação a quase todos os principais partidos e lideranças políticas do país e por possuir opiniões políticas mais fortes, além de apresentar elevado nível de sofisticação cognitiva e elevadas chances de se localizar nos estratos socioeconômicos mais altos. O segundo perfil extremo, por sua vez, que chamamos de *Apáticos socialmente desfavorecidos*, foi marcado pela tendência à abstenção em quase todas as questões sobre política, além de um elevado nível de desinteresse por assuntos políticos e maior localização nos setores mais marginalizados da população. O terceiro perfil extremo, por fim, que nomeamos de *Moderados politicamente engajados*, foi diferenciado por sua maior disposição a se engajar em diversos grupos e associações políticas, bem como por assumir posições mais equilibradas em relação a diferentes assuntos. Tal como o Perfil Extremo 1, os Moderados politicamente engajados reúnem os estratos socioeconômicos médios e altos da população brasileira, com melhores condições de vida.

Os resultados expostos nas seções anteriores nos permitem chegar a conclusões similares àquelas presentes em outros estudos, mesmo utilizando métodos diferentes. Como há

muito já observado pela literatura nacional (Castro, 1994; Reis, 1978; Lamounier, 1978), as camadas mais baixas da população tendem a apresentar maiores níveis de desinformação e alheamento em relação a temas políticos, enquanto os setores mais privilegiados são justamente os mais interessados e informados. Isso porque o custo da obtenção de informações é mais elevado para os estratos socioeconômicos mais desfavorecidos. Conforme apontou Bourdieu (2007 [1979], p, 378), o interesse por política cresce ao se passar dos indivíduos menos instruídos para os mais instruídos.

Além disso, quando observamos as características manifestadas pelo perfil com maior vulnerabilidade social (o dos Apáticos socialmente desfavorecidos), podemos encontrar algum suporte para a abordagem de Singer (2012) e outros autores (p. ex., Veiga, 2007) a respeito da mudança da base social do PT, uma vez que os tipos puros deste perfil foram aqueles que mais tenderam a votar no candidato deste partido em 2018 (Almeida, 2020, p. 96). A parte do eleitorado classificada neste perfil, apesar de expressar algum tipo de simpatia em relação ao PT, não é diferenciada por sua disposição a manifestar partidarismo. Pelo contrário, o Perfil Extremo 2 parece reunir um eleitorado não alinhado, o que corrobora os achados de Rennó e Cabello (2010) de que o fenômeno do lulismo significou a conquista pelo PT de apoio entre os eleitores não alinhados. O eleitor petista “típico”, por assim dizer, leal ao partido desde antes dos governos Lula e Dilma, caracterizado por apresentar rejeição mais forte ao PSDB e propenso a se considerar de esquerda (*ibid.*), com maior nível de escolaridade e renda (Kinzo, 2005), provavelmente se encontra no Perfil 1 ou no Perfil 3.

Nesse sentido, é persuasivo pensar que os partidários “clássicos”, tal como descritos por Campbell et al (1967 [1960]), estejam concentrados no Perfil Extremo 3. Embora os níveis de não partidarismo sejam altos para todos os perfis (como indicam as probabilidades estimadas), o dos Moderados politicamente engajados é aquele com maior chance de expressar algum grau de partidarismo, o que, levando em consideração suas características socioeconômicas, trata-se de um achado consistente com os padrões descritos pela literatura, como mencionado ao fim da seção anterior. Considerando a prevalência das características deste perfil na amostra, nossa análise fornece indícios de que uma parte relevante dos eleitores brasileiros mostra alguma disposição a se engajar na política, seja por meio de partidos, seja por meio de outras organizações. Por outro lado, a pesquisa também revela que há uma massa de cidadãos que tende à apatia, à demissão voluntária da política, fruto de um sentimento de incapacidade de apreender os acontecimentos políticos<sup>9</sup>. Esses cidadãos, não por acaso membros de grupos

---

<sup>9</sup> Como afirma Bourdieu (2007 [1979], p. 378), a indiferença pela política “nada é além de uma manifestação de incapacidade”.

subordinados, caso não fossem obrigados a votar, simplesmente se absteriam de comparecer eleitoralmente, o que fornece um argumento poderoso em defesa da manutenção da obrigatoriedade do voto no Brasil.

É importante assinalar que a insatisfação política também é um fenômeno evidente, que se manifesta em extrema desconfiança em relação às instituições e aos principais atores do jogo político. Diante de tão grande desgosto e desilusão, a reação mais automática é justamente a da recusa em escolher entre uma das opções disponíveis no mercado eleitoral. Ao que tudo indica, os eleitores brasileiros parecem mais dispostos a nutrir sentimentos negativos do que positivos em relação aos partidos existentes. O fato de os tipos puros do Perfil 1 serem mais propensos a manifestar sentimentos negativos em relação a partidos e os tipos puros do Perfil 3 serem mais inclinados a expressar sentimentos partidários positivos nos leva a crer que a manutenção tanto de um tipo de atitude quanto do outro está relacionada a um elevado nível de sofisticação política. Isso ajuda a explicar por que estudos recentes não encontraram diferenças significativas entre eleitores petistas e antipetistas (Borges e Vidigal, 2018; Samuels e Zucco, 2019).

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, R. S. R. (2020) “Sentidos do partidarismo: uma análise sobre os sentimentos dos cidadãos brasileiros em relação aos partidos políticos”. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Brasília, Universidade de Brasília.

ALMOND, G.; VERBA, S. (1965 [1963]) “The civic culture: Political attitudes and democracy in five nations”. Boston: Little, Brown & Co.

ASSIS, H. M.; MACHADO, C. J.; RODRIGUES, R. N. (2008) “Perfis de mortalidade neonatal precoce: um estudo para uma Maternidade Pública de Belo Horizonte (MG), 2001-2006”. *Revista Brasileira de Epidemiologia* 11 (4), pp. 675-686.

BAKER, A. et al. (2016) “The Dynamics of Partisan Identification When Party Brands Change: The Case of the Workers Party in Brazil”. *The Journal of Politics* 78 (1), p. 197-213.

BELKNAP, G.; CAMPBELL, A. (1951) “Political Party Identification and Attitudes Toward Foreign Policy”. *Public Opinion Quarterly* 15 (4), pp. 601-623.

BORBA, J. et al. (2018) “Determinantes individuais e de contexto da simpatia partidária na América Latina”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 33 (97), pp. 1-25.

BORGES, A.; VIDIGAL, R. (2018) “Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras”. *Opinião Pública* 24 (1), pp.53-89.

BOURDIEU, P. (2007 [1979]) “Cultura e política” In: “A distinção: crítica social do julgamento”. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, pp. 371-433.

CAMPBELL, A. et al. (1967 [1960]) “The American Voter: An Abridgement”. New York: John Wiley & Sons.

CASTRO, M. M. M. (1994) “Teorias sobre o comportamento político”. Determinantes do Comportamento Eleitoral: a centralidade da sofisticação política (tese de doutorado). Rio de Janeiro: IUPERJ.

CLARKE, H.; STEWART, M. (1998) “The decline of the parties in the minds of citizens”. *Annual Review of Political Science* 1, pp. 357-378.

FRANKLIN, C. H.; JACKSON, J. E. (1983) “The dynamics of party identification”. *American Political Science Review* 77 (4), pp. 957-973.

GUEDES, G. R. et al. (2016) “Grade of Membership: Conceitos básicos e aplicação empírica usando o programa GoM para Windows, Linux, Stata e R”. Belo Horizonte: Editora UFMG.

HOLMBERG, S. (2009 [2007]) “Partisanship reconsidered”, In: DALTON, R. J.; KLINGEMANN, H-D. (eds.), “The Oxford Handbook of Political Behavior”. New York: Oxford University Press, pp. 557-570.

KINZO, M. D. (2005) “Os partidos no eleitorado: percepções públicas e laços partidários no Brasil”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 20 (57), pp. 65-81.

KROH, M.; SELB, P. (2009) “Inheritance and the dynamics of party identification”. *Political Behavior* 31, pp. 559-574.

LAMOUNIER, B. (1978) “Presidente Prudente: O Crescimento da Oposição num Reduto Arenista” Em: REIS, Fábio Wanderley [org.] “Os partidos e o regime: a lógica do processo eleitoral brasileiro”. São Paulo: Símbolo, pp. 1-89.

LUPU, N. (2015) “Partisanship in Latin America”, In: CARLIN, Ryan E.; SINGER, Matthew M.; ZECHMEISTER, Elizabeth J. (orgs.), “The Latin American voter: pursuing representation and accountability in challenging contexts”. Ann Arbor: Michigan University Press.

MANTON, K.; WOODBURY, M.; TOLLEY, H. D. (1994) “Statistical application using fuzzy sets”. John Wiley & Sons, Nova York.

MCGREGOR, R. M.; CARUANA, N.; STEPHENSON, L. (2015) “Negative Partisanship in a Multiparty System: The Case of Canada”. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties* 25 (3), pp. 300-316.

MEDEIROS, M.; NÖEL, A. (2014) “The forgotten side of partisanship: negative party identification in four Anglo-American democracies”. *Comparative Political Studies*, 47 (7), pp. 1022-1046.

PEREIRA, F. B. (2014) “A estabilidade e a efetividade da preferência partidária no Brasil”. *Revista Brasileira de Ciência Política* 13, pp. 213-244.

REIS, F. W. (1978) “Classe social e opção partidária: as eleições de 1976 em Juiz de fora” Em: REIS, Fábio Wanderley [org.] “Os partidos e o regime: a lógica do processo eleitoral brasileiro”. São Paulo: Símbolo, pp. 213-287.

RENNÓ, L.; CABELLO, A. (2010) “As Bases do lulismo: A volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento?”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 25 (74), pp. 39-60.

RIBEIRO, E.; CARREIRÃO, Y.; BORBA, J. (2016) “Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e covariantes”. *Opinião Pública*, 22 (3), pp. 603-637.

ROSE, R.; MISHLER, W. (1998) “Negative and positive party identification in post-communist countries”. *Electoral Studies* 17 (2), pp. 217-234.

SAMUELS, D.; ZUCCO, C. (2018) “Partisans, Antipartisans, and Nonpartisans: Voting Behavior in Brazil”. Cambridge; New York: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. (2019) “Partisans, Anti-Partisans, and Voter Behavior” In: AMES, Barry (ed.) “Routledge Handbook of Brazilian Politics”. New York: Routledge, pp. 269-290.

SAWYER, D.; LEITE, I. C.; ALEXANDRINO, R. (2002) “Perfis de utilização de serviços de saúde no Brasil”. *Ciência & Saúde Coletiva* 7 (4), pp.757-776.

SINGER, A. (2012) “Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador”. São Paulo: Companhia das Letras.

VEIGA, L. F. (2007) “Os partidos brasileiros na perspectiva dos eleitores: mudanças e continuidades na identificação partidária e na avaliação das principais legendas após 2002”. *Opinião pública* 13 (2), pp. 340-365.

WOODBURY, M.; CLIVE, J. (1974) “Clinical pure types as a fuzzy partition”. *Journal of Cybernetics and Systems* 4 (3), pp. 111-121.

## Anexo

### Probabilidades estimadas e Razões E/O para modelo GoM com 3 perfis extremos

Obs.: As Razões E/O com valores iguais ou maiores a 1,2 foram destacadas em negrito.

Rótulo	Variável Código	Frequência observada		Probabilidades estimadas ( $\lambda$ )			Razões E/O		
		Abs.	Rel.	K1	K2	K3	E/O K1	E/O K2	E/O K3
Sexo	1 - Masculino	1190	47,49	0,65	0,26	0,58	<b>1,36</b>	0,54	<b>1,21</b>
	2 - Feminino	1316	52,51	0,35	0,74	0,42	0,67	<b>1,41</b>	0,81
Faixa etária	1 - 16 e 17 anos	23	0,92	0,00	0,02	0,01	0,25	<b>1,91</b>	0,62
	2 - 18 a 24 anos	395	15,76	0,14	0,14	0,18	0,91	0,89	1,15
	3 - 25 a 34 anos	539	21,51	0,20	0,15	0,28	0,91	0,69	<b>1,32</b>
	4 - 35 a 44 anos	518	20,67	0,28	0,18	0,18	<b>1,37</b>	0,88	0,89
	5 - 45 a 54 anos	450	17,96	0,20	0,18	0,17	1,10	0,99	0,95
	6 - 55 a 64 anos	356	14,21	0,11	0,18	0,13	0,79	<b>1,27</b>	0,88
	7 - 65 anos e mais	225	8,98	0,06	0,15	0,05	0,70	<b>1,71</b>	0,55
Região do país	1 - Norte	196	7,82	0,07	0,07	0,09	0,95	0,83	1,18
	2 - Nordeste	644	25,70	0,19	0,32	0,23	0,75	<b>1,26</b>	0,91
	3 - Sudeste	1092	43,58	0,55	0,42	0,38	<b>1,26</b>	0,97	0,88
	4 - Sul	378	15,08	0,11	0,10	0,22	0,71	0,69	<b>1,44</b>
	5 - Centro Oeste	196	7,82	0,08	0,08	0,07	1,00	1,08	0,93
Escolaridade	1 - Analfabeto	73	2,91	0,02	0,07	0,00	0,65	<b>2,35</b>	0,00
	2 - Primário incompleto	214	8,54	0,04	0,18	0,02	0,49	<b>2,15</b>	0,27
	3 - Primário completo	294	11,73	0,04	0,18	0,02	0,58	<b>1,73</b>	0,59
	4 - Ginásio incompleto	188	7,50	0,07	0,20	0,07	0,61	<b>1,60</b>	0,69
	5 - Ginásio completo	226	9,02	0,05	0,12	0,05	0,97	1,10	0,92
	6 - Colegial incompleto	193	7,70	0,09	0,10	0,08	0,49	<b>1,47</b>	0,87
	7 - Colegial completo	748	29,85	0,04	0,11	0,07	1,16	0,53	<b>1,32</b>
	8 - Ensino universitário incompleto	296	11,81	0,35	0,16	0,39	<b>1,67</b>	0,30	<b>1,25</b>
	9 - Ensino universitário completo	236	9,42	0,20	0,04	0,15	<b>1,48</b>	0,20	<b>1,45</b>
	10 - Pós-graduação ou mais	38	1,52	0,02	0,00	0,03	1,12	0,03	<b>1,79</b>
Renda	1 - Até 1 SM	423	16,88	0,07	0,31	0,09	0,43	<b>1,84</b>	0,55
	2 - Mais de 1 até 2 SM	573	22,87	0,18	0,23	0,25	0,78	1,02	1,11
	3 - Mais de 2 até 5 SM	711	28,37	0,36	0,11	0,40	<b>1,28</b>	0,39	<b>1,43</b>
	4 - Mais de 5 até 10 SM	171	6,82	0,12	0,00	0,10	<b>1,74</b>	0,00	<b>1,48</b>
	5 - Mais de 10 até 15 SM	30	1,20	0,02	0,00	0,02	<b>1,69</b>	0,00	1,50
	6 - Mais de 15 até 20 SM	7	0,28	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	7 - Mais de 20 SM	20	0,80	0,01	0,01	0,01	<b>1,78</b>	0,64	0,89
	8 - Não sabe	359	14,33	0,14	0,22	0,07	0,96	<b>1,56</b>	0,51
	9 - Não respondeu/Recusa	212	8,46	0,10	0,12	0,05	1,14	<b>1,39</b>	0,57
Cor ou raça, segundos as categorias do IBGE	1 - Preto	375	14,96	0,14	0,19	0,12	0,94	<b>1,25</b>	0,81
	2 - Pardo	1152	45,97	0,40	0,47	0,49	0,87	1,02	1,06
	3 - Branco	773	30,85	0,37	0,23	0,34	<b>1,20</b>	0,74	1,11
	4 - Amarelo	64	2,55	0,03	0,02	0,03	<b>1,25</b>	0,78	1,05
	5 - Índio	81	3,23	0,06	0,04	0,01	<b>1,72</b>	1,17	0,45
	6 - Não sabe	47	1,88	0,00	0,05	0,00	0,18	<b>2,60</b>	0,04
	7 - Não respondeu	14	0,56	0,00	0,01	0,01	0,34	<b>1,47</b>	0,97
Beneficiário do programa Bolsa Família?	1 - Sim	788	31,45	0,19	0,47	0,25	0,59	<b>1,49</b>	0,79
	2 - Não	1706	68,08	0,81	0,52	0,75	1,19	0,77	1,10
	3 - Não sabe	10	0,40	0,00	0,01	0,00	0,83	<b>1,83</b>	0,35
	4 - Não respondeu	2	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Nível de interesse por política	1 - Muito interessado	322	12,85	0,25	0,02	0,17	<b>1,90</b>	0,13	<b>1,29</b>
	2 - Interessado	430	17,16	0,18	0,05	0,28	1,04	0,29	<b>1,63</b>
	3 - Pouco interessado	985	39,31	0,25	0,36	0,50	0,64	0,92	<b>1,28</b>
	4 - Nada interessado	740	29,53	0,33	0,54	0,05	1,10	<b>1,83</b>	0,17
	5 - Não respondeu	18	0,72	0,00	0,02	0,00	0,00	<b>2,76</b>	0,00
	6 - Não sabe	11	0,44	0,00	0,01	0,00	0,00	<b>2,76</b>	0,00
Intensidade com a qual acompanha política	1 - Muita intensidade	439	17,52	0,30	0,05	0,22	<b>1,69</b>	0,29	<b>1,27</b>
	2 - Alguma intensidade	385	15,36	0,13	0,02	0,29	0,84	0,15	<b>1,87</b>
	3 - Pouca intensidade	962	38,39	0,31	0,38	0,44	0,80	0,98	1,14
	4 - Não acompanho	695	27,73	0,27	0,53	0,05	0,97	<b>1,90</b>	0,19
	5 - Não respondeu	23	0,92	0,00	0,02	0,00	0,00	<b>2,50</b>	0,23
	6 - Não sabe	2	0,08	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Entende sobre os problemas políticos do país	1 - Concorda totalmente	427	17,04	0,28	0,04	0,22	<b>1,64</b>	0,25	<b>1,29</b>
	2 - Concorda em parte	770	30,73	0,34	0,13	0,44	1,12	0,41	<b>1,45</b>
	3 - Nem concorda nem discorda	377	15,04	0,06	0,22	0,14	0,42	<b>1,43</b>	0,96
	4 - Discorda em parte	363	14,49	0,10	0,15	0,17	0,68	1,00	1,18
	5 - Discorda totalmente	436	17,40	0,20	0,34	0,02	1,15	<b>1,94</b>	0,11
	6 - Não respondeu	36	1,44	0,00	0,04	0,00	0,29	<b>2,58</b>	0,00
	7 - Não sabe	97	3,87	0,01	0,10	0,00	0,29	<b>2,52</b>	0,06
Nível de satisfação com a democracia	1 - Muito satisfeito	83	3,31	0,05	0,02	0,04	<b>1,38</b>	0,57	1,17
	2 - Satisfeito	225	8,98	0,07	0,06	0,13	0,77	0,66	<b>1,44</b>
	3 - Nem satisfeito nem insatisfeito	121	4,83	0,00	0,05	0,07	0,00	1,05	<b>1,52</b>
	4 - Pouco satisfeito	1053	42,02	0,25	0,30	0,62	0,60	0,72	<b>1,48</b>
	5 - Nada satisfeito	958	38,23	0,63	0,50	0,14	<b>1,65</b>	<b>1,30</b>	0,36
	6 - Não respondeu	16	0,64	0,00	0,02	0,00	0,28	<b>2,58</b>	0,00
	7 - Não sabe	50	2,00	0,00	0,06	0,00	0,00	<b>2,76</b>	0,00
Democracia é sempre melhor ou às vezes é melhor uma ditadura?	1 - Democracia é sempre melhor	1721	68,68	0,70	0,50	0,84	1,03	0,73	<b>1,22</b>
	2 - Em algumas situações ditadura é melhor	380	15,16	0,21	0,14	0,13	<b>1,36</b>	0,95	0,85
	3 - Tanto faz	134	5,35	0,06	0,07	0,03	1,18	<b>1,30</b>	0,64
	4 - Não sabe	233	9,30	0,02	0,25	0,00	0,21	<b>2,67</b>	0,00
	5 - Não respondeu	38	1,52	0,01	0,04	0,00	0,49	<b>2,32</b>	0,12
Democracia pode funcionar sem partidos ou Congresso?	1 - Sem partidos ou Congr. não pode haver democracia	1228	49,00	0,48	0,37	0,60	0,98	0,76	<b>1,22</b>
	2 - A democracia pode funcionar sem partidos ou Congr	924	36,87	0,48	0,27	0,39	<b>1,31</b>	0,74	1,05
	3 - Não sabe	309	12,33	0,03	0,31	0,01	0,25	<b>2,54</b>	0,10
	4 - Não respondeu	45	1,80	0,01	0,04	0,01	0,33	<b>2,20</b>	0,31
Possui simpatia por algum partido político?	1 - Sim	397	15,84	0,14	0,08	0,24	0,91	0,49	<b>1,51</b>
	2 - Não	2088	83,32	0,86	0,91	0,76	1,03	1,09	0,91
	3 - Não sabe	5	0,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	4 - Não respondeu	16	0,64	0,00	0,02	0,00	0,00	<b>2,66</b>	0,09
Há algum partido do qual não gosta?	1 - Sim	1150	45,89	0,76	0,16	0,54	<b>1,66</b>	0,35	1,18
	2 - Não	1272	50,76	0,23	0,75	0,46	0,44	<b>1,49</b>	0,91
	3 - Não sabe	45	1,80	0,00	0,05	0,00	0,06	<b>2,73</b>	0,00
	4 - Não respondeu	39	1,56	0,01	0,04	0,00	0,62	<b>2,36</b>	0,00
É filiado a algum sindicato?	1 - Sim	191	7,62	0,09	0,04	0,11	1,14	0,46	<b>1,40</b>
	2 - Não	2311	92,22	0,91	0,97	0,89	0,99	1,05	0,97
	3 - Não sabe	3	0,12	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	4 - Não respondeu	1	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
É filiado a algum partido político?	1 - Sim	115	4,59	0,02	0,01	0,09	0,52	0,20	<b>1,98</b>
	2 - Não	2387	95,25	0,98	0,99	0,91	1,02	1,04	0,95
	3 - Não sabe	3	0,12	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	4 - Não respondeu	1	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Participa de grupos virtuais de discussão política?	1 - Sim	300	11,97	0,16	0,02	0,19	<b>1,31</b>	0,13	<b>1,60</b>
	2 - Não	2204	87,95	0,84	0,98	0,81	0,96	1,12	0,92
	3 - Não sabe	1	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	4 - Não respondeu	1	0,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Autolocalização na escala ideológica	1 - Esquerda	243	9,70	0,22	0,09	0,03	<b>2,22</b>	0,94	0,36
	2	28	1,12	0,01	0,01	0,02	0,67	0,73	<b>1,43</b>
	3	41	1,64	0,01	0,00	0,03	0,64	0,00	<b>2,09</b>
	4	58	2,31	0,00	0,00	0,05	0,19	0,00	<b>2,34</b>
	5	58	2,31	0,01	0,01	0,05	0,25	0,32	<b>2,02</b>
	6	367	14,65	0,12	0,06	0,24	0,82	0,38	<b>1,64</b>
	7	91	3,63	0,00	0,00	0,09	0,12	0,00	<b>2,37</b>
	8	112	4,47	0,01	0,01	0,10	0,28	0,14	<b>2,15</b>
	9	188	7,50	0,02	0,01	0,16	0,28	0,17	<b>2,13</b>
	10	88	3,51	0,01	0,02	0,06	0,38	0,52	<b>1,77</b>
	11 - Direita	699	27,89	0,42	0,33	0,15	<b>1,52</b>	<b>1,20</b>	0,54
	12 - Não sabe o que é esquerda e direita	263	10,50	0,06	0,25	0,00	0,54	<b>2,42</b>	0,03
	13 - Não respondeu	80	3,19	0,04	0,06	0,00	1,13	<b>2,01</b>	0,00
	14 - Não sabe se é de esquerda ou de direita	190	7,58	0,07	0,15	0,02	0,89	<b>1,97</b>	0,21
Votaria se o voto não fosse obrigatório?	1 - Sim	1010	40,30	0,42	0,26	0,52	1,04	0,66	<b>1,29</b>
	2 - Não	1446	57,70	0,57	0,71	0,46	0,99	<b>1,22</b>	0,80
	3 - Talvez/Depende	27	1,08	0,01	0,01	0,02	0,64	0,62	<b>1,54</b>
	4 - Não sabe	13	0,52	0,00	0,01	0,00	0,35	<b>2,53</b>	0,00
	5 - Não respondeu	10	0,40	0,00	0,01	0,00	0,00	<b>2,76</b>	0,00

Votou no 1º turno das eleições de 2018?	1 - Sim, votou	2014	80,37	0,81	0,74	0,89	1,01	0,92	1,10
	2 - Não, é maior de 70 anos	37	1,48	0,00	0,03	0,01	0,00	<b>2,24</b>	0,47
	3 - Não, tem/tinha 16 ou 17 anos	8	0,32	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	4 - Não, mas justificou o voto	216	8,62	0,08	0,10	0,08	0,94	1,15	0,90
	5 - Não votou e nem justificou o voto	194	7,74	0,10	0,12	0,02	<b>1,30</b>	<b>1,58</b>	0,32
	6 - Não votou porque não tinha o documento exigido	10	0,40	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	7 - Não votou porque o título foi cancelado	14	0,56	0,01	0,01	0,01	1,04	1,06	0,93
	8 - Não sabe	5	0,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	9 - Não respondeu	8	0,32	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: ESEB 2018.